

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE ORGANIZATION OF SPACE IN CHILDHOOD EDUCATION

Andreia Ribeiro da Costa¹
Ivone Jacinto dos Reis²
Maria Eligia Guia de Arruda³
Silviane Márcia Curado⁴
Tatiana Augusta de Paula Santos⁵
Tatiane Souza Araújo⁶

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a importância de um espaço bem-organizado e adequado para o atendimento de crianças de 0 a 5 anos. O espaço em que ocorre a atividade educativa tem um significado fundamental, pois pode ser caracterizado como fator facilitador ou limitador. Um espaço confortável, limpo, iluminado, bem cuidado e funcional, adequado à faixa etária atendida, permite o desenvolvimento de atividades mais eficazes e eficientes. Para abordar esse tema, foi desenvolvido um estudo bibliográfico sobre a organização espacial na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Espaço Físico. Cuidado. Qualidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the importance of a well-organized and adequate space for the care of children from 0 to 5 years old. The space in which the educational activity takes place has a fundamental meaning, as it can be characterized as a facilitating or limiting factor. A comfortable, clean, well-lit, well-maintained and functional space, suitable for the age group served, allows for the development of more effective and efficient activities. To address this issue, a bibliographical study on spatial organization in early childhood education was developed.

Keywords: Early Childhood Education. Physical space. Careful. Quality.

¹ Graduada em Pedagogia: Habilitação em Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e em Supervisão Escolar pelo Centro Universitário – UNIRONDON, Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande - FIAVEC.

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Afirmativo, Especialista em Educação Especial, Especialista em Educação Infantil pelas Faculdades do Vale do Juruena.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Educação Infantil com Ênfase em Educação Especial pelas Faculdades Integradas de Cuiabá – FIC.

⁴ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Várzea Grande - UNIVAG, Especialista em Educação Infantil pela UNICID – Universidade de São Paulo.

⁵ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Tangará da Serra – UniSerra, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia.

⁶ Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Especialista em Educação à Distância com Ênfase na Formação de Tutores pela Faculdade UNINA.

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil como política pública, no Brasil, é bastante recente, pois foi somente a partir da promulgação na Constituição Federal de 1988 que a educação da criança de 0 a 5 anos de idade passou a ser considerada como um direito não só da criança, mas também de sua família.

Essa nova instituição legal permitiu o início de políticas públicas correlatas e criou novas necessidades estruturais e conjunturais no campo da educação no Brasil, principalmente por fazer parte de uma sociedade que necessita de serviços muito diferentes daqueles oferecidos ao público no ensino fundamental ou médio.

É neste contexto que se insere este estudo, cujo objetivo é analisar a importância de um espaço bem-organizado e adequado para a escolarização de crianças de 0 a 5 anos. Por isso, procuramos saber até que ponto a organização espacial pode influenciar qualitativamente o trabalho pedagógico do professor em relação à educação infantil.

Portanto, o objetivo deste artigo foi analisar uma instituição de educação infantil para saber se seu espaço desempenha um papel iniciador do ensino-aprendizagem, ou seja, possibilita o desenvolvimento de atividades pedagógicas com qualidade e eficiência.

Canton (2009, p.22) assinala que o espaço não é uma construção fria, ou seja, apenas paredes, pisos e escadas, mas “uma tapeçaria sonora, visual e tátil”, que pode influenciar positivamente, ou não, quem o ocupa, o que depende de sua funcionalidade e estética.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Organização do espaço na educação infantil

As relações humanas sempre se dão em um lugar e são essas ações que determinam os espaços. A noção de lugar diz respeito à localidade física, determinada, com um endereço, com uma situação no mundo, já o espaço é algo mais abstrato, que é criado, reproduzido. Assim, um mesmo lugar pode ser espaço para diferentes finalidades, em momentos diferentes. Neste sentido, Heidegger (2006, p. 138) assinala que o lugar se apresenta como origem para o estabelecimento de espaços, ao afirmar que “lugares são coisas que propiciam cada vez mais espaços”.

Para Frago e Escolano (2001, p. 61-62): o “espaço se projeta ou imagina; o lugar se constrói”, assim, toda atividade humana “ocupa um espaço e um lugar”. Desse modo, tanto o espaço como o lugar são realidades socialmente construídas.

O espaço jamais é neutro [...]. O espaço comunica, mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só às relações interpessoais distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder, mas também à liturgia e aos ritos sociais, à semiologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas, à sua hierarquia e relações (FRAGO e ESCOLAO, 2001, p. 64).

Os espaços são determinados pelos indivíduos que buscam desenvolver atividades em um lugar estabelecido. A educação, como atividade humana espontânea ou formal, sempre teve seu lugar e seu espaço, pois, como diz Faria (1999, p. 76): “a pedagogia faz-se no espaço e o espaço consolida a pedagogia”.

Conforme Piaget apud Kramer (2000, p. 29): “o desenvolvimento resulta da combinação entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio”, pois é o meio que propicia a interação com os espaços instituídos e com as pessoas que deles fazem parte.

Para Vygotsky apud Davis e Oliveira, (1993, p. 56), o ambiente é fator fundamental para o desenvolvimento, podendo estimulá-lo ou reprimi-lo, pois o ser humano só cresce e aprende em um espaço que possibilita interações e que desperte a curiosidade.

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado (HORN, 2004, p. 28).

O espaço físico destinado à educação infantil deve possibilitar a criação de espaços circunstanciais, ou seja, destinados a diferentes atividades, o que propicia a geração de espaços subjetivos por parte das crianças, cada qual com sua individualidade.

Para Fornero (1998), o lugar onde se estabelece uma instituição de educação infantil se traduz como um espaço que se estrutura com base em quatro dimensões: a física, que compreende a questão predial; a relacional, que se dá pela interação entre os diferentes

sujeitos; a funcional, que diz respeito à utilização do espaço disponível; e a temporal, que está relacionada à organização do tempo, ou seja, à organização das ações no ambiente.

O espaço físico funcional é apenas um dos fatores mais importantes no desenvolvimento de uma criança, pois é ineficaz sem atividades que proporcionem estímulo, comunicação, criatividade, curiosidade e organização.

Segundo Moura (2009), os arranjos espaciais, nas instituições de educação infantil, devem priorizar o estabelecimento da interação criança/adulto e criança/criança, o que ocorre de diferentes formas: pelas relações professor/aluno; pelos conceitos pedagógicos eleitos; pela seleção dos materiais e disposição do mobiliário; e pelas atividades desenvolvidas.

O desenvolvimento infantil resulta de diferentes instâncias que compõem o espaço institucional. Estas instâncias, que devem se concretizar de forma orquestrada, possibilitam desenvolvimento integral das crianças, o que compreende os aspectos individual, social e cognitivo.

De acordo com Moura (2009), a organização do espaço deve possibilitar à criança o acesso fácil a seus objetos, que devem ser personalizados, e a participação na tomada de decisões, o que propicia a construção de sua identidade pessoal.

4558

O espaço precisa ser organizado de modo que a criança possa desenvolver competências e habilidades, tais como:

Apagar e acender luzes, manusear mochilas e lancheiras, amarrar os próprios sapatos, comer sozinha, usar o banheiro, resolver seus conflitos, lavar as mãos, entre tantas outras, são atividades que as crianças podem e devem aprender a realizar sozinhas desde pequenas. O espaço necessita ser planejado de tal modo que possibilite o desenvolvimento dos movimentos corporais, da estimulação dos sentidos e das competências linguísticas e cognitivas; além de possibilitar a formação de valores sociais (MOURA, 2009, p. 25).

Para Montagner (2007) apud Moura (2009, p. 25), o espaço, na instituição infantil, deve permitir a movimentação das crianças, pois esta: “é essencial ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança. Os espaços devem ser repletos de opções de atividades, de forma que canalizem os excessos de possíveis agressividades entre as crianças”.

Outro ponto importante, nos espaços da educação infantil, é a viabilidade de momentos de interação social e de privacidade. Moura (2009) assinala a necessidade de

espaços para o isolamento e para a realização de atividades coletivas. As crianças devem poder se movimentar sem correr risco de qualquer natureza.

Kowaltowski e Pina (2001) ressaltam ainda que, geralmente, inúmeros problemas são encontrados nos prédios escolares, entre eles, o tamanho das salas de aula que, muitas vezes, não comporta o número de alunos, e a falta de espaços para bibliotecas, laboratórios, educação física e artes.

Além desses problemas, existe, ainda, a questão da falta de acessibilidade, o que inviabiliza o acesso de alunos com necessidades especiais. Estas e outras deficiências presentes nos edifícios, segundo Kowaltowski e Pina (2001), obrigam os diretores a realizar adaptações de ambientes, o que, de modo geral, não produz resultados satisfatórios.

Ainda hoje há escolas, principalmente as de pequeno porte, que funcionam em lugares que não foram construídos para tal, como antigas residências, que são adaptadas para o ensino, o que nem sempre produz bons resultados. É comum encontrarmos professores desenvolvendo seu trabalho em lugares que eram, anteriormente, quartos de dormir, cozinhas ou salas diversas, e isso pode ter consequências na aprendizagem do aluno, pois o espaço pode influenciar tanto como um elemento estimulador quanto indesejável ao processo de ensino (RAMPINI, 2003, p. 17).

Ao refletir sobre a relevância de um espaço adequado para o desenvolvimento de uma educação infantil de qualidade, Moura (2009, p. 44) destaca os fatores como: “a limpeza, a higiene, a luminosidade, a ventilação, as instalações elétricas seguras”, além de janelas seguras e ausência de quinas ou superfícies escorregadias são fundamentais em um estabelecimento que atende os pequenos.

As salas de aula, por exemplo, precisam ser amplas, ventiladas, iluminadas, tranquilas e divididas em áreas minimamente isoladas. O banheiro precisa ser anexo à sala de aula e deve estar equipado com vasos, cestos de lixo e pia na altura das crianças. Os materiais, equipamentos e mobiliários precisam ser escolhidos pensando na possibilidade de um ambiente flexível, que permita transformações de acordo com os objetivos e as necessidades das crianças e do professor. [...] Os materiais devem ser apresentados em áreas de atividades próprias. Por exemplo, giz de cera e lápis de cor na área de atividades; livros, na área de leitura. Devendo ser tudo de fácil acesso às crianças, estando os materiais dispostos em recipientes de manejo apropriado a elas (MOURA, 2009, p. 44).

Conforme orientações da Secretaria de Educação Básica (BRASIL, 2006, p. 29), o mobiliário e/ou equipamentos devem possibilitar o fácil acesso das crianças a seus objetos pessoais, que devem ser identificados, e as cadeiras e mesas devem ser leves, o que facilita

sua deslocação e propicia um ambiente onde todos podem realizar com autonomia suas atividades.

Conforme o documento (BRASIL, 2006, p. 29), o mobiliário deve ser escolhido “em função de sua resistência, durabilidade e segurança” e, se possível, apresentar “cores e formas geométricas diferenciadas (quadrado, círculo, retângulo)”.

Os banheiros devem proporcionar autonomia de uso pelas crianças, assim, os equipamentos desse espaço devem ser adaptados “às proporções e alcance” das mesmas, além de ter piso antiderrapante, principalmente nas áreas próximas aos chuveiros. É fundamental também que exista um banheiro conjugado a cada sala de aula (BRASIL, 2006).

Moura (2009, p. 44) afirma que o pátio deve compreender “sofá; espaços para comunicações sobre o cardápio do dia, para reuniões, cursos e avisos em geral; e, claro, exposição dos trabalhos das crianças e das fotos de suas mais diversas experiências”. Em relação à cozinha, a autora recomenda que:

[...] além de contar com instrumentos necessários para o trabalho, precisa dispor de uma área para preparação dos alimentos próxima às geladeiras e pias para lavar a louça. A área do cozimento deve ser de difícil acesso aos pequenos, de modo a prevenir acidentes; e, também, deve ser separada do refeitório. Este devidamente adequado a boas condições de higiene, ventilação e segurança (MOURA, 2009, p. 44).

Quando a escola atende crianças de 0 a 1 ano, o espaço, conforme recomendação legal (BRASIL, 2006, p. 11), deve permitir que os pequenos engatinhem, rolem, ensaiem os primeiros passos, brinquem, interajam, alimentem-se, tomem banho e repousem. Desse modo, o documento recomenda que o espaço “esteja situado em local silencioso, preservado das áreas de grande movimentação e proporcione conforto térmico e acústico”. Esse espaço deve compreender:

- a) Sala de repouso;
- b) Sala para atividades;
- c) Fraldário;
- d) Lactário;
- e) Solário (BRASIL, 2006, p.11).

Estes locais, conforme os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006), devem ter piso não escorregadio e de fácil limpeza,

paredes claras, portas largas e com visores e janelas com abertura mínima de $1/5$ da área de piso, o que permite boa ventilação e iluminação natural.

Em relação ao refeitório, o documento estabelece:

[...] o refeitório deve [...] possibilitar a socialização e a autonomia das crianças. Recomenda-se que seja articulado com a cozinha, contando com mobiliário móvel, que viabilize diferentes organizações do ambiente. Deve seguir o dimensionamento de 1m^2 por usuário e capacidade mínima de $1/3$ do maior turno (de acordo com a Portaria nº 3.214, de 08/06/1978, da medicina e segurança do trabalho NR - 24), uma vez que não é necessário nem recomendável que todas as crianças façam as refeições ao mesmo tempo (BRASIL, 2006, p. 22).

Além disso, o documento recomenda que o refeitório esteja localizado no andar térreo, tenha piso antiderrapante, de fácil limpeza, arejado e bem iluminado e exaustores.

A lavanderia deve ter acesso independente da cozinha, contemplando tanque; local para máquina de lavar; secadora, quando necessária e possível; varal; bancadas para passar roupas; prateleiras e armários fechados, em alvenaria. Suas dimensões devem ser compatíveis com o número de crianças atendidas pela instituição (BRASIL, 2006, p. 25).

Também deve haver um local separado para colocar o lixo, que deve ser de fácil acesso para coleta, mas longe dos locais de circulação das crianças.

Assim, os estabelecimentos como um todo devem promover a qualidade do ensino/cuidado prestado, ou seja, proporcionar conforto, comunicação/socialização e desenvolvimento físico/emocional/cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, ficou claro que foram feitos estudos sobre arquitetura escolar de forma mais ampla, especificamente para alunos do ensino fundamental e médio, mas não foram encontrados estudos sobre a estrutura física de instituições destinadas à Educação Infantil.

Os Parâmetros Curriculares de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006) permitiram a reflexão do tema deste artigo. Os estudos, em sua maioria, focalizam os aspectos didático-pedagógicos, entretanto, o espaço físico é fator determinante para a qualidade do atendimento oferecido.

No entanto, percebe-se que, apesar das limitações, o espaço deve atender às necessidades que demandam as atividades desenvolvidas, ou seja, o espaço das instituições escolares é um fator facilitador do processo ensino/cuidado/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educin/eduinfparinfestencarte.pdf. Acesso em 20/07/2023.

CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Pedagogia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagoga da educação infantil**. In: Faria, A.L.G.; Palhares, M.S. (Org). Educação pós LDB: Rumos e Desafios. Campinas: Autores Associados F E/ Unicamp, 1999.

4562

FRAGO, Antonio Vinão; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: A arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. São Paulo: Vozes, 2006.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. ; PINA, Sílvia A. M. G. **Avaliação da funcionalidade de prédio escolar da rede pública: o caso de Campinas**. Estudo apresentado no VI Encontro Nacional e III Encontro Latino-americano sobre Conforto e Ambiente Construído. São Paulo, SP, Brasil: de 11 a 14 de novembro de 2001.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do espaço: contribuições para uma educação de qualidade**. Dissertação UNB. Brasília, 2009.

RAMPINI, Andrea Pessutti. Vivenciando novos espaços: Uma experiência de Ensino e Aprendizagem em Arte com crianças da 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Dissertação UEL. Londrina, 2003.